



Em cada Santa Missa realiza-se um mistério que ultrapassa toda a compreensão humana: o próprio Sacrifício do Calvário torna-se presente, de forma incruenta, sobre o altar. Tudo o que rodeia este mistério possui uma dignidade extraordinária. Não apenas o sacerdote, mas também todos aqueles que colaboram na sagrada liturgia são chamados a exercer o seu serviço com profunda reverência, espírito sobrenatural e uma autêntica vida interior.

Entre eles, o **leitor** ocupa um lugar particular: é aquele que proclama a Palavra de Deus diante da assembleia dos fiéis. Contudo, existe um perigo especialmente característico do nosso tempo: reduzir este ministério a uma mera função técnica. Dá-se grande importância a uma boa dicção, a uma voz agradável, a uma pronúncia correta ou a uma presença segura no ambão, esquecendo-se aquilo que é verdadeiramente essencial: **antes de ser um bom leitor, é preciso ser uma alma profundamente unida a Deus.**

Porque, na liturgia, não basta pronunciar corretamente as palavras inspiradas. É necessário que essas mesmas palavras tenham primeiro transformado o coração daquele que as proclama.

A Igreja sempre compreendeu que todo o ministério litúrgico exige uma adequada preparação espiritual. Nenhum ministério deve ser vivido como uma forma de protagonismo pessoal. Todo o verdadeiro serviço nasce da humildade, da oração e do sincero desejo de glorificar unicamente a Deus.

Este artigo pretende precisamente aprofundar esta dimensão tantas vezes esquecida: **a preparação espiritual do leitor**, à luz da rica tradição litúrgica e espiritual da Igreja.

O leitor: uma voz ao serviço de Deus

Quando ouvimos uma leitura durante a Santa Missa, poderíamos pensar que alguém está simplesmente a ler um texto antigo.

Mas a realidade é infinitamente mais profunda.

A Sagrada Escritura não é um livro qualquer.

São Paulo ensina:



«Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para
repreender, para corrigir e para educar na justiça.» (2 Timóteo
3,16)

Cada palavra da Sagrada Escritura tem Deus como seu Autor principal.

Por isso, quando o leitor proclama a leitura, empresta literalmente a sua voz para que ressoe a Palavra inspirada de Deus.

Não fala em seu próprio nome.

Não exprime opiniões pessoais.

Não improvisa reflexões.

Não procura convencer através de meios meramente humanos.

Limita-se a retirar-se para que Cristo fale.

É uma missão de enorme responsabilidade.

A tradição da Igreja acerca do leitor

Nos primeiros séculos do Cristianismo existiam as chamadas **ordens menores**, entre as quais se encontrava o leitorado.

Nem todos podiam exercer esta função.

O leitor recebia uma formação espiritual específica e era considerado um verdadeiro servidor do culto divino.

Muitos dos Padres da Igreja insistiam que quem proclamava as Escrituras deveria viver de acordo com aquilo que anunciava.

São Jerónimo escreveu:



«Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo.»

Mas poderíamos acrescentar também:

Ler as Escrituras sem as viver é privá-las de grande parte da sua força de testemunho.

Durante séculos, o leitor foi considerado uma pessoa especialmente preparada, tanto do ponto de vista doutrinal como espiritual.

A tradição nunca entendeu este serviço como uma simples forma de participação comunitária.

Tratava-se de um ministério inteiramente orientado para o culto de Deus.

Antes de abrir a Bíblia, abre o teu coração

Existe uma tentação muito frequente.

Pensar que a preparação consiste apenas em praticar a pronúncia.

Sem dúvida, ler bem é importante.

Mas isso constitui apenas o aspeto exterior.

A verdadeira preparação começa muito antes.

Começa na oração.

O leitor deveria perguntar-se:

- Estou em estado de graça?
- Rezei antes de proclamar a Palavra?
- Meditei previamente este texto?
- Estou disposto a desaparecer para que apenas Cristo seja ouvido?



Estas perguntas são muito mais importantes do que qualquer técnica de leitura.

Porque Deus não precisa de vozes perfeitas.

Procura corações disponíveis.

A vida interior do leitor

Toda a pessoa que serve na liturgia deve cultivar uma profunda vida espiritual.

Ela inclui:

- a oração diária;
- a leitura espiritual;
- o exame de consciência;
- a confissão frequente;
- a participação devota na Santa Missa;
- a adoração eucarística;
- a devoção à Santíssima Virgem Maria.

Estas práticas não são facultativas.

São o alimento da alma.

Seria contraditório proclamar o Evangelho e, ao mesmo tempo, viver uma vida completamente afastada dele.

Ninguém exige uma santidade perfeita.

Mas deve existir um sincero desejo de conversão permanente.

A importância do estado de graça

A tradição espiritual da Igreja sempre insistiu na importância de viver em estado de graça.

Não porque Deus deixe de agir através de um pecador.



Preparação espiritual do leitor: muito mais do que ler na Santa Missa,
servir Cristo com a sua voz e a sua alma | 5

A eficácia objetiva da Palavra não depende do leitor.

Mas os frutos espirituais recebidos por quem serve dependem, em grande medida, da sua disposição interior.

Nosso Senhor diz:

«Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós. Assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim.» (João 15,4)

O leitor deve esforçar-se por receber frequentemente o Sacramento da Confissão.

Não por escrúpulo.

Mas por amor.

Servir junto do altar merece oferecer ao Senhor o melhor de nós mesmos.

Preparar a leitura ao longo da semana

A proclamação começa vários dias antes da Santa Missa.

Um leitor não deve abrir o lecionário cinco minutos antes da celebração.

O ideal é ler a leitura atribuída durante a semana.

Depois, relê-la lentamente.

Estudar o seu contexto.

Fazer a si próprio perguntas como:



Preparação espiritual do leitor: muito mais do que ler na Santa Missa,
servir Cristo com a sua voz e a sua alma | 6

O que é que Deus quer dizer aqui?

Porque escolheu a Igreja esta leitura para este dia em particular?

Qual é a sua relação com o Evangelho?

Como ilumina ela a nossa vida hoje?

Quando chegar o momento da proclamação, essas palavras já terão passado a fazer parte do coração do leitor.

A Lectio Divina: a melhor escola para um leitor

Há séculos que a Igreja recomenda a prática da **Lectio Divina**.

Ela é composta por quatro etapas principais:

Leitura.

Escutar atentamente o texto sagrado.

Meditação.

Refletir sobre o seu significado.

Oração.

Responder a Deus.

Contemplação.

Permanecer em silêncio, deixando-se transformar.

Quem pratica regularmente este método adquire uma profunda familiaridade com a Sagrada Escritura.

Então, a proclamação deixa de ser uma simples leitura para se tornar um verdadeiro



testemunho.

A humildade: a virtude mais importante

Vivemos numa cultura obcecada pela aparência.

As redes sociais habituaram muitas pessoas a procurar constantemente o reconhecimento dos outros.

Este perigo também pode infiltrar-se na liturgia.

Alguém pode surpreender-se a pensar:

«Hoje sou eu que vou ler.»

«Espero fazê-lo perfeitamente.»

«Toda a gente vai ouvir-me.»

A verdadeira espiritualidade muda completamente esta perspetiva.

O leitor deve antes pensar:

«Hoje Cristo servirá da minha voz.»

Nada mais.

Nada menos.

São João Batista exprimiu este espírito com palavras inesquecíveis:

| «É necessário que Ele cresça e que eu diminua.» (João 3,30)

Este deve ser o lema interior de todo o leitor.



A reverência pela Palavra de Deus

A Bíblia não é simplesmente um livro religioso.

É a Palavra inspirada pelo Espírito Santo.

Por isso merece a mais profunda veneração.

A tradição litúrgica da Igreja sempre teve grande cuidado com a forma como ela é proclamada.

Os silêncios.

A postura.

A dignidade.

A sobriedade.

Tudo deve contribuir para mostrar que não estamos diante de um texto comum.

Até a forma de caminhar em direção ao ambão pode tornar-se uma oração silenciosa.

O leitor também evangeliza

Embora não pregue a homilia, o leitor também evangeliza.

Como?

Pelo seu exemplo.

Pelo seu recolhimento.

Pela sua atitude.



Pela forma como entra na igreja.

Pela maneira como se ajoelha.

Pela reverência que demonstra diante do Santíssimo Sacramento.

Muitas pessoas reparam nestes pequenos detalhes.

E, muitas vezes, esses gestos falam ainda mais do que as palavras.

A preparação humana também é importante

A espiritualidade nunca exclui a preparação técnica.

Muito pelo contrário.

O amor leva-nos a fazer bem todas as coisas.

Por isso é importante:

- praticar a pronúncia;
- aprender corretamente os nomes mais difíceis;
- controlar o ritmo da leitura;
- respeitar as pausas;
- articular claramente;
- evitar qualquer dramatização teatral;
- falar com naturalidade.

O objetivo não é representar.

O objetivo é servir.



O perigo da rotina

Quem exerce o ministério de leitor durante muitos anos pode facilmente cair na rotina.

As mesmas leituras.

Os mesmos gestos.

Os mesmos horários.

Pouco a pouco, o sentido do maravilhamento pode desaparecer.

O melhor remédio consiste em recordar uma verdade fundamental:

Cada Santa Missa é única.

Cada proclamação pode tocar o coração de alguém.

Talvez uma pessoa esteja a ouvir essa leitura pela primeira vez.

Talvez seja a última Santa Missa a que assistirá.

Talvez Deus queira converter uma alma precisamente através dessa passagem da Escritura.

Nunca sabemos de que modo a graça atuará.

Maria: o modelo perfeito de todo o leitor

A Santíssima Virgem Maria nunca proclamou publicamente as Escrituras na liturgia.

Contudo, ninguém escutou melhor a Palavra de Deus do que Ela.

Ela é o modelo perfeito.

Escutou.



Meditou.

Guardou.

Viveu.

São Lucas relata:

«*Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.*» (Lucas 2,19)

Antes de anunciar a Palavra, é necessário aprender com Maria a guardá-la no coração.

Todo o leitor deve confiar-se à Nossa Senhora antes de exercer o seu ministério.

São Jerónimo e o amor pela Sagrada Escritura

São Jerónimo dedicou toda a sua vida ao estudo da Bíblia.

A sua paixão pela Palavra nascia do seu amor por Cristo.

A sua célebre afirmação continua hoje tão atual como sempre:

«*Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo.*»

Mas o leitor é chamado a algo ainda mais profundo.

Não apenas a conhecer as Escrituras.

Mas também a deixar-se conhecer por elas.

A permitir que a Palavra revele as suas fraquezas, ilumine as suas decisões e oriente toda a sua vida.



O silêncio como preparação

Vivemos rodeados de ruído.

Notificações.

Ecrãs.

Música constante.

Conversas intermináveis.

Contudo, Deus fala frequentemente no silêncio.

Antes da Santa Missa, é altamente recomendável evitar conversas desnecessárias.

Permanecer alguns momentos em recolhimento.

Rezar.

Adorar.

Pedir a assistência do Espírito Santo.

Assim, a proclamação nasce de um verdadeiro encontro com Deus.

O Espírito Santo: o verdadeiro protagonista

Toda a preparação espiritual ficaria incompleta sem invocar o Espírito Santo.

Foi Ele quem inspirou as Sagradas Escrituras.

É Ele quem ilumina a inteligência.



É Ele quem move os corações.

É Ele quem torna frutuosa a proclamação.

Antes de se aproximar do ambão, o leitor pode rezar interiormente:

«Vinde, Espírito Santo. Iluminai a minha inteligência, purificai o meu coração e concedei-me a graça de proclamar a vossa Palavra com fidelidade, humildade e amor, para a glória de Deus e a salvação das almas. Que a minha própria voz desapareça para que seja Cristo quem fale. Ámen.»

Uma proposta concreta de preparação espiritual antes de proclamar a Palavra

A preparação do leitor pode ser organizada como um verdadeiro itinerário espiritual.

Durante a semana:

- Ler várias vezes as leituras previstas.
- Estudar o seu contexto bíblico.
- Meditá-las através da *Lectio Divina*.
- Pedir ao Espírito Santo luz e compreensão.

Na véspera:

- Rever a pronúncia dos nomes e dos lugares.
- Oferecer este serviço ao Senhor.
- Se possível, descansar adequadamente para exercer o ministério com atenção e serenidade.

Antes de sair de casa:

- Fazer uma breve oração de oferecimento.
- Se possível, reler mais uma vez o texto num ambiente de recolhimento.

Ao chegar à igreja:



- Guardar silêncio.
- Fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento.
- Confiar-se à Santíssima Virgem Maria e ao santo do dia.
- Pedir a graça de servir com humildade.

Momentos antes de subir ao ambão:

- Respirar calmamente.
- Fazer interiormente o sinal da cruz.
- Recordar que não se trata simplesmente de «fazer uma leitura», mas de permitir que Deus fale ao seu povo através de si.

A missão do leitor num mundo que esqueceu como escutar

Vivemos numa época saturada de palavras. Todos os dias somos expostos a milhares de mensagens provenientes das redes sociais, dos meios de comunicação, da publicidade e de inúmeras conversas. Paradoxalmente, quanto mais se fala, menos se escuta verdadeiramente. No meio deste ruído constante, a proclamação da Sagrada Escritura adquire uma dimensão autenticamente profética.

O leitor não transmite apenas mais uma opinião entre tantas outras. Proclama uma Palavra que nunca envelhece, que não está sujeita às modas passageiras e que possui a força de penetrar até ao mais profundo do coração humano. Como ensina a Carta aos Hebreus:

«A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas, e discerne os pensamentos e as intenções do coração.»
(Hebreus 4,12)

Esta certeza deve encher de confiança todo o servidor da liturgia. A fecundidade do seu ministério não depende principalmente das suas qualidades naturais, mas da ação de Deus,



que escolhe humildemente servir-Se de uma voz humana para comunicar a sua graça.

Conclusão: antes de proclamar com os lábios, escuta com o coração

Ser leitor na liturgia não significa simplesmente saber ler bem. Significa **permitir que a Palavra de Deus transforme primeiro a própria vida antes de a proclamar aos outros**. A preparação espiritual não é um complemento facultativo; constitui o verdadeiro fundamento de todo o autêntico ministério litúrgico. Quem sobe ao ambão leva consigo não apenas um lecionário, mas também o testemunho da sua fé, da sua oração e do seu sincero desejo de servir.

O leitor ideal não é aquele que recebe elogios pela sua dicção ou pela sua voz, mas aquele cuja presença quase passa despercebida porque toda a atenção está voltada para Cristo e para a sua Palavra. O seu maior êxito será que, no final da proclamação, ninguém se recorde do leitor, mas muitos se recordem daquilo que Deus lhes falou.

Numa Igreja que tanto necessita de testemunhas credíveis, o servidor da liturgia é chamado a tornar-se um homem ou uma mulher de silêncio, de oração, de humildade e de profunda comunhão com o Senhor. Só então a sua voz poderá tornar-se um humilde instrumento daquela Palavra eterna que continua a chamar, a consolar, a corrigir e a santificar as almas até ao fim dos tempos.